

Política e resistência, substantivos femininos: uma análise quantitativa do jornal feminista *Correio da Mulher*¹

BAMPI, Mariana (jornalista)²

STRELOW, Aline (Prof. Dra. em Comunicação)

³UFRGS/Rio Grande do Sul

Resumo: O presente trabalho se propõe a pesquisar sobre o que e como falava o *Correio da Mulher*, único jornal alternativo feminista do Rio Grande do Sul, que circulou nas bancas em dezembro de 1980 e março de 1981. Não há trabalhos anteriores sobre o periódico. O corpus é constituído de 74 textos, entre a edição 1 (29 textos) e 2 (45 textos). O estudo se baseia nos conceitos de cultura (Kellner) e teorias do jornalismo (Schmitz). Usando os entendimentos destes e de outros teóricos, buscamos situar relações entre o período histórico vivido pelo impresso - em plena época de reabertura política -, feminismo e como o jornal se posicionava diante da relação da mulher na sociedade a partir de seus textos, especificamente de suas reportagens, e o papel social do jornalismo em uma era de opressão às minorias e efervescência política. A metodologia usada foi a Análise de Conteúdo, de Bardin. Os 74 textos foram analisados e categorizados conforme seus respectivos eixos. A partir dos textos analisados, percebemos a forte repetição de temáticas como política e direitos das mulheres na forma, principalmente, de reportagem.

.Palavras-chave: imprensa alternativa; jornalismo impresso; mulher na imprensa; imprensa alternativa feminista

Correio da Mulher: um olhar feminino sobre a política, a cultura e a sociedade

A metodologia utilizada para realizar o artigo e traçar um primeiro perfil do que foi o *Correio da Mulher* é a análise de conteúdo. O método é colocado assim como proposto por Laurence Bardin (1977), a partir da leitura de todos os textos presentes nas duas edições do jornal analisadas - dezembro de 1980 e março de 1981.

A abordagem metodológica da análise de conteúdo propõe três diretrizes cronológicas de trabalho: a) Pré-análise; b) Exploração do material; e, por último, c) Tratamento dos resultados a partir da inferência e da interpretação. A fase de pré-análise é o momento de organização da investigação e consiste no “planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise” (Fonseca, 2005, p. 290).

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do VII Encontro Regional Sul de História da Mídia - Alcar Sul, 2018.

2 Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marianapbampi@gmail.com

3 Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora de História da Mídia. E-mail: alinestrelow@terra.com.br

Para Bardin (1977, p.95), são três os principais propósitos dessa primeira parte: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final”. Para Bardin não há, uma ordem cronológica correta a ser seguida entre essas três subetapas.

Por meio de um olhar geral e da leitura flutuante buscamos construir uma estrutura lógica para guiar as inferências e interpretações que serão realizadas posteriormente. O processo da inferência é entendido aqui como “o momento mais fértil da análise de conteúdo, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem analisada” (Fonseca, 2005, p. 298). Podemos dizer então que a inferência aqui nada mais será do que uma espécie de dedução lógica, a partir de índices postos em evidência.

Durante o andamento da leitura flutuante, a compreensão sobre a temática abordada no material vai se tornando mais clara e novas hipóteses sobre o objeto de trabalho começam a irromper. Em seguida, definimos o corpus da análise, sendo ele um “conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1977, p. 96). Bardin situa algumas regras na hora de escolher os documentos que irão formar o corpus da análise (a exaustividade, não-seletividade e representatividade). No caso do *Correio da Mulher*, como o jornal teve apenas duas edições, trabalhamos com a totalidade de textos publicados. Posteriormente, há a subetapa de referenciação dos índices e elaboração de indicadores.

A pré-análise é concluída com a preparação do material, a qual consiste em organizar os documentos que serão estudados, a partir da numeração, catalogação ou categorização, por exemplo. No presente trabalho, trabalharemos com a categorização:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (Bardin, 2014, p.145).

A etapa seguinte corresponde à exploração do material. Essa é a fase mais longa do processo e o pesquisador deve transformar os indicadores previamente elaborados em um material que permita a interpretação e representação objetiva, por meio da codificação. Laurence Bardin entende a codificação como sendo:

[...] uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto (Bardin, 2014, p. 129).

A etapa de pré-análise

A escolha do tema se deu por uma junção de diferentes fatores. Primeiro, houve uma busca por algum título que integrasse a imprensa alternativa e, ao mesmo tempo, fosse voltado para a mulher. Assim, o nome do *Correio da Mulher* foi apontado. Uma vez com o objeto parcialmente definido, veio a descoberta de que não existia nenhuma pesquisa completa ou trabalho sobre o impresso. A mistura desses dois fatores foi decisiva para que o *Correio da Mulher* se tornasse, definitivamente, o objeto deste trabalho.

O primeiro contato com o periódico ocorreu durante uma visita ao Museu de Comunicação José Hipólito da Costa. As duas edições existente foram examinadas através de uma primeira leitura flutuante. Aqui ocorreu o primeiro manuseio do objeto e foi, de fato, decidido que ele serviria para estudo (a incerteza da disponibilidade de exemplares no Museu de Comunicação gerava dúvidas, até então, sobre se o jornal seria um objeto adequado).

Para compreender quais são as principais temáticas do *Correio da Mulher*, analisamos todas as reportagens e textos publicados nas duas edições, de dezembro de 1980 e março de 1981. Os documentos foram escanerizados para que, posteriormente, o acesso se tornasse mais fácil. Essa também foi a fase de aproximação com o objeto por meio da pesquisa bibliográfica, a qual contribuiu para a fundamentação teórica e contextualização história, essa última de extrema importância, principalmente por se tratar de um período tão significativo como foram os anos de ditadura civil-militar.

A exploração do material

A coleção do *Correio da Mulher* estudada neste trabalho é a que se encontra disponível no acervo do Museu José Hipólito da Costa e que é, também, o número total de edições do jornal. Foi realizado o fichamento das reportagens a partir de nove temáticas principais: política, relações de gênero, maternidade, esporte, cultura, economia, moda, culinária e mercado de trabalho. Além disso, foram também feitas análises sobre as fontes (para quem o *Correio da Mulher* dá voz?) e sobre os gêneros

jornalísticos que mais se destacam e aparecem com maior frequência (como o *Correio da Mulher* fala?).

Dessa forma, através de muita leitura - feita de forma aprofundada, por diversas vezes - e do suporte teórico dado pelas obras de Aldo Schmitz (s.d), José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), todos os 74 textos jornalísticos do *Correio da Mulher* foram catalogados - 29 da primeira edição e 45 da segunda-, sendo categorizados em divisões de tema, gênero e fontes (quando era o caso).

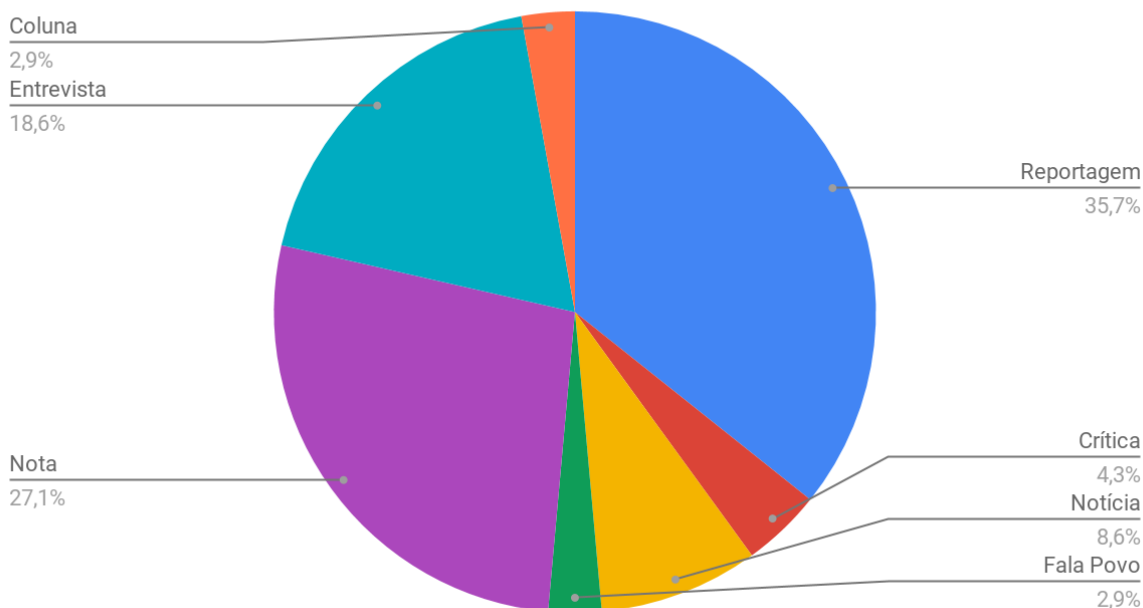
Como o *Correio da Mulher* conta suas histórias?

No que concerne aos gêneros jornalísticos mais utilizados pelo *Correio da Mulher*, a reportagem é o mais numeroso. Os gêneros jornalísticos serão entendidos aqui de acordo com o proposto :

[...] gênero jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (Marques e De Assis, 2016, p. 49).

Dessa forma, podemos entender os gêneros como uma forma de codificação das mensagens jornalísticas. Uma vez escolhido o formato para tratar de certa temática, este formato irá determinar como essa mensagem será escrita, o seu conteúdo e o público que irá atrair. Como podemos ver representado no gráfico 1.1:

1.1 Gêneros jornalísticos



Temos, então, a reportagem como o principal gênero jornalístico informativo dentro do *Correio da Mulher*, totalizando 25 textos. O jornal, por ter periodicidade mensal, tinha um perfil mais de revista, principalmente pelo cunho das reportagens, a maioria sem gancho temporal, feitas a longo prazo e com um número de imagens considerável, como vemos na matéria principal da primeira edição com a chamada *As freiras da solidão revelam seus mistérios* e o título *Mulher no isolamento*, a mais extensa matéria do periódico de dezembro de 1980. Dessa forma, e seguindo a rotina de uma revista, o jornal tinha muito mais tempo para desenvolver reportagens e aprofundá-las da forma que as repórteres achassem mais conveniente.

Seguindo a ordem decrescente de gêneros jornalísticos presentes no *Correio de Mulher*, estão a nota (19 textos) e a entrevista (13 textos), correspondendo a 27,1% e 18,6% dos textos do jornal. Ambas se encaixam no gênero informativo descrito por Marques de Melo e Assis (2016). O fator tempo aparece aqui como um empecilho: como a proposta do *Correio da Mulher* é ser um jornal - mesmo que mensal - espera-se ver em suas páginas notícias ou fatos que remetam a alguma ideia de atualidade e as notas vêm, principalmente, para cobrir essa falta, trazendo um pequeno *shot* de informações relevantes sobre acontecimentos já passados. Podemos ver isso em notas como *Liberdade para Lilian* e *OAB, mulher na direção*, ambas presentes na edição de março de 1981. Na primeira, há uma rápida passagem sobre a ainda incipiente campanha para a libertação de Lilian Celiberti e Universindo Díaz, uruguaios

sequestrados em Porto Alegre por meio da Operação Condor, em 1978. Já a segunda nota traz um breve texto noticiando a eleição de Mercedes de Moraes Rodrigues para formar parte da diretoria executiva da Ordem dos Advogados do Brasil, fato inédito em toda a história da organização.

As entrevistas configuram o terceiro gênero jornalístico em número de aparições no periódico e fazem muito sentido para publicações de caráter mensal, pois não necessitam de um gancho temporal firme e um *deadline* preciso para a sua realização. São pouquíssimas as entrevistas no estilo pingue-pongue. A maioria é editada em texto corrido, dando até mesmo uma margem interpretativa e muitas vezes se aproximando de um perfil. As entrevistas com a cantora baiana Diana Pequeno - *Diana Pequeno e a linguagem do coração* (dezembro/1980) - e com o empresário Salvino Kunzler e suas filhas - *Kunzler incentivou suas filhas a serem empresárias* (março/1981) - conseguem ilustrar bem esse gênero, como podemos notar nesse trecho da entrevista de Kunzler: “Salvino Kunzler, de origem humilde e simplicidade permanente, mesmo após os inúmeros sucessos e seu vasto patrimônio, ainda destaca sua esposa, Maria Elfriede Weissheimer Kunzler, com quem vive há quase 40 anos, como base para sua realização profissional e pessoal.” (Correio da Mulher, 1981, p. 15).

Outras entrevistas, como a realizada com o psicólogo Vinícius Jockymann - *Só a mulher liberta o homem oprimido* (dezembro/1980) (Figura 3) - e com o publicitário Paulinho Tiarajú - *“Usar machismo na propaganda é burrice. Sou contra”* (dezembro/1980) - buscam ter um caráter mais direto e objetivo, por usar uma suposta autoridade como fonte. Na entrevista com Jockymann podemos nos dar conta dessa busca por objetividade - além da fonte ser especializada, há o recurso de se fazer uma entrevista no estilo pingue-pongue, dando a impressão de imparcialidade. Ao ser perguntado se Freud era machista, o psicólogo responde:

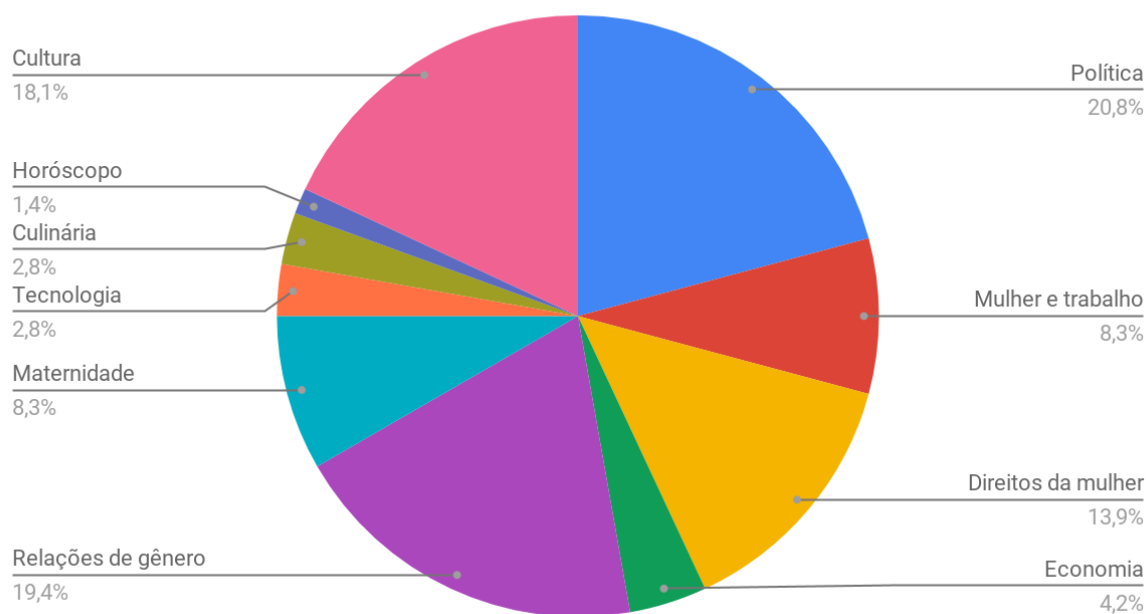
Com relação a correntes da psiquiatria, não há nenhuma feminista. O que poderá ser encontrado é um despojamento gradativo dentro do processo histórico, de injunções ideológicas estranhas e preconceituosas em relação ao que hoje definimos como o papel do homem e da mulher e suas respectivas inter-relações, isto é, não nos atemos tanto ao convencional e sim muito mais ao fenômeno existencial de ambos e a maneira peculiar de cada um deles de encontrar sua historicidade dentro do real (Correio da Mulher, 1980, p. 11).

Do que falava o *Correio da Mulher*?

Como um jornal alternativo da época da ditadura militar, o *Correio da Mulher* tem na política a principal temática das suas matérias, totalizando 15 textos. As questões políticas, de uma maneira geral, enquadram o processo de reabertura política,

redemocratização e movimentos de minorias sociais, como podemos notar em alguns textos: *Na praça, a defesa do voto* (dezembro/1980), *Nicarágua, mulher também faz revolução* (dezembro/1980). A primeira matéria traz uma cobertura sobre os protestos em decorrência do adiamento das eleições diretas em Porto Alegre. Em *Nicarágua, mulher também faz revolução* temos o relato de uma guerrilheira, Silvia, que se envolveu, junto com seus filhos, na Frente Sandinista de Libertação Nacional, contando como era a situação do país e o que aconteceu durante o período de guerra civil contra a ditadura local. Além disso, a matéria pende muito para as questões de gênero, como podemos perceber já no título: a exaltação do gênero feminino como um agente que não impede a realização de tarefas que seriam “masculinas”, mas sim como um agregador de força e determinação. Como podemos observar no gráfico 1.2:

1.2 Temas



As temáticas sobre cultura, mulher e trabalho, direitos da mulher, relações de gênero e maternidade também são muito presentes no corpo do jornal. A cultura é coberta, principalmente, em forma de crítica, podendo ser tanto literária, quanto musical, de teatro ou televisiva e, até mesmo, em forma de dicas de moda.

A questão da mulher trabalhadora e sua situação no mercado de trabalho é intensamente abordada no periódico e abrange mulheres que se encontram em profissões consideradas, na época, “pouco femininas”. Exemplos disso são os textos *Laci, a única juíza desportiva no Brasil* (março/1981) e *Quando o mercado de trabalho é lixo* (dezembro/1980). Na primeira, ficamos conhecendo Laci que, como o título diz, é

a única juíza desportiva no Brasil. Mais uma vez temos um apelo ao gênero, mostrando a situação de preconceito e sujeição que a mulher ocupa na sociedade. Já em *Quando o mercado de trabalho é lixo*, observamos o dia a dia de algumas garis (Marlene e Iracema) e o que elas enfrentam na sua jornada de trabalho apenas por serem mulheres, como assédio e zombaria:

A população de uma maneira geral as trata com indiferença. Passam e nem olham, quando não reclamam e dizem piadinhas maldosas e muito pouco graciosas - Como no caso de Marlene, uma garota bonita, que no primeiro dia de trabalho recebeu galanteios até picantes, apesar de estar bastante encabulada por ser uma lixeira (Correio da Mulher, 1980, p.4).

Os direitos da mulher em uma sociedade machista e patriarcal também são temáticas importantes para o *Correio da Mulher*. É dentro dessa categoria que são tratadas e questionadas as práticas sexistas presentes nas leis, na política e no direito ao próprio corpo. Entre os textos exemplares podemos citar *Elas querem ser mães, esposas, donas de casa e cidadãs* (dezembro/1980), *No que a lei autoriza, a mulher é igual ao homem?* (dezembro/1980) e *Agrônomas iniciam luta pela igualdade* (março/1981).

O primeiro texto aborda os clubes de mães e o que eles agregam à sociedade, principalmente no que diz respeito às condições da mulher em um meio patriarcal. A matéria parece reconhecer que essas associações comunitárias fazem bem às mulheres, principalmente por oferecer oportunidade de aprendizagem de novas técnicas e assuntos, mas sublinha a sua escolha de não tocar em temas como política e religião.

No que a lei autoriza, a mulher é igual ao homem? aborda o machismo institucionalizado nas leis, as quais ainda permitiam que o marido pedisse o divórcio caso a mulher não fosse virgem ou que proclamavam o homem como o chefe da sociedade conjugal. Em *Agrônomas iniciam luta pela igualdade*, o gênero aparece mais uma vez como motivo de impedimento para que mulheres exerçam suas funções profissionais. Nesse texto, agrônomas narram as medidas que estão tomando perante o seu sindicato para que a condição de ser mulher não interfira em seus trabalhos.

A temática de relações de gênero envolve violência contra a mulher e a posição da mulher na sociedade em um papel que a coloca como subjugada somente por causa do seu gênero. O combate à violência contra a mulher é uma campanha abraçada pelo *Correio da Mulher* e que é capa, inclusive, da segunda edição do jornal (março/1981), com a chamada *Até quando as mulheres aguentarão?*, dirigindo a leitora para um especial do tipo “fala povo”, com fontes testemunhais e seus relatos de abuso e

violência: *Um dia a mulher cansa e procura a separação*; *Surras regulares*; *Depois da bebida, a surra na mulher* e muitos outros. Em todos esses três textos exemplares é mostrada a condição da mulher em relacionamentos abusivos respaldados no machismo da sociedade patriarcal.

Por fim, o tema da maternidade, apesar de corresponder a apenas 8,3% do jornal (6 textos), faz-se importante pela forma como é tratado: trazendo a tona e desmistificando muitos tabus - como aborto e as dificuldades de ser mãe solteira -, trazendo relatos testemunhais - sobre parto humanizado, de cócoras ou de pé, e amamentação - e prestando esclarecimento sobre temas de saúde da mulher, como a reportagem *Como evitar filhos sem prejudicar a saúde* (março/1981), que trata do uso de anticoncepcionais, tabelinha e ovulação.

Quem fala no *Correio da Mulher*?

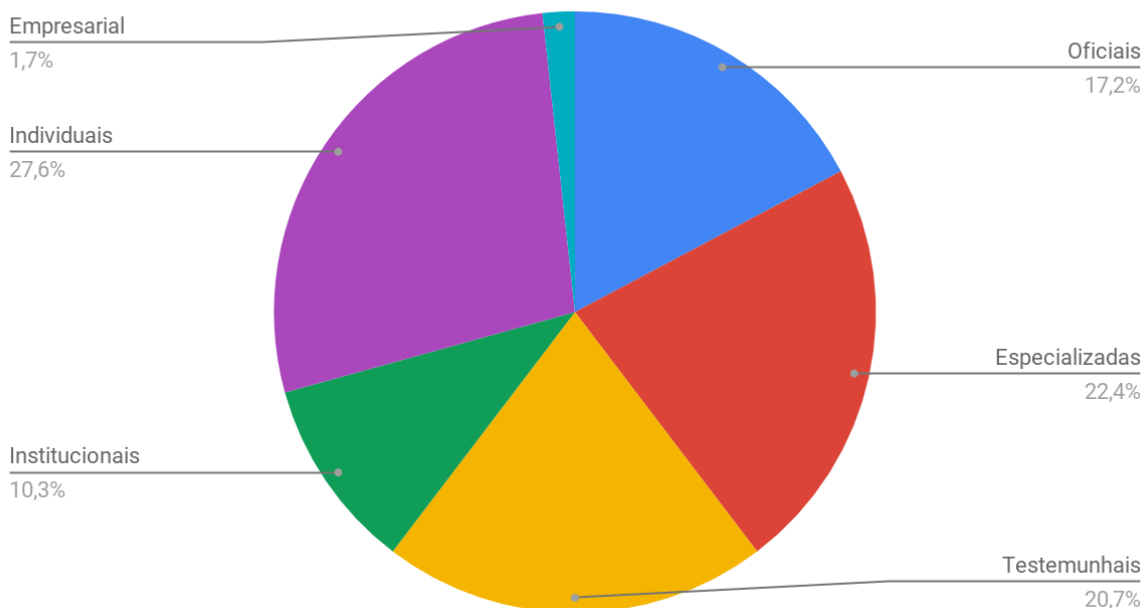
As fontes ouvidas nas duas edições do *Correio da Mulher*, como podemos observar no gráfico abaixo, são divididas em individuais (16), especializadas (13), testemunhais (12), oficiais (10), institucionais (6) e empresarial (1). A divisão e nomenclatura das fontes segue a proposta de Aldo Antonio Schmitz (s.d.). Sendo assim, temos a seguinte definição para cada uma delas: a) fonte individual: de acordo com Schmitz (s.d) a fonte individual é aquela que representa a si própria. Esse tipo de fonte abarca desde celebridades, políticos, pessoas comuns ou qualquer um que não fale em nome de uma organização, mas de si mesmo. Podemos ver esse tipo de fonte exemplificado nos textos *Adolescente, o impasse entre menina e mulher* e *Lizete bate com as duas* (dezembro/1980). No primeiro texto citado, as fontes - algumas meninas, de diferentes pontos de vista - aparecem relatando o que é ser adolescente, como elas encaram essa fase da vida e o que esperam do seu futuro como mulher. Já em *Lizete bate com as duas*, temos a figura central - Lizete - contando sua experiência individual com o futebol, como entrou em contato com o esporte, como se tornou tão boa e, claro, como é ser uma mulher que joga futebol melhor do que muitos homens. B) Especializada: é detentora de um conhecimento específico, de referência ou reconhecido.

Normalmente está relacionada a uma profissão ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos. O jornalista pode não saber, mas conhece quem sabe e recorre ao especialista para estabelecer conexões e analisar a complexidade do tema a ser noticiado; busca informações secundárias ou complementares,

notadamente em situação de risco ou conflito, na cobertura de temas complexos ou confusos e no jornalismo científico (Schmitz, s.d, p. 1).

Podemos notar esse tipo de fonte em muitas reportagens, como: *Risco nas cesáreas*, *Parto de cócoras* (março/1981) e *Aborto: escolha ou imposição* (dezembro/1980). Nas três matérias são trazidos médicos ginecologistas para falar sobre parto. Eles atuam apoiando o repórter na parte de conteúdo e em informações sobre como esses procedimentos são realizados. Não há outro tipo de fontes especializadas como parteiras, por exemplo, o que denota uma preferência para a palavra científica sobre esses temas. C) Testemunhal: é, de acordo com Schmitz (s.d), um alibi para a imprensa. Dá a sua visão dos acontecimentos como partícipe ou apenas observador próximo. Quanto maior a proximidade temporal entre relato e fato ocorrido, maior a credibilidade dessa fonte, pois é tida como “ingênua”. Temos exemplos disso no texto *Quando o mercado de trabalho é lixo* (dezembro/1980). No *Correio da Mulher*, esse tipo de fonte é utilizado em textos sobre o mercado de trabalho, violência contra a mulher, machismo e maternidade. Na reportagem são entrevistadas fontes que vivenciam o que está sendo narrado no texto. C) Oficial: diz respeito a ocupantes de cargo público ou de órgãos mantidos pelo Estado que falam, especificamente, em nome da organização. Esse tipo de fonte aparece, principalmente, em textos de cunho político, como na matéria *Como será o Congresso Nacional em 1981?* (março/1981). Aqui, Jorge Uequed, então deputado federal pelo PMDB, dá o seu parecer sobre o que será o Congresso Nacional em 1981. E) Institucional: as fontes institucionais representam uma organização sem fins lucrativos, dessa forma se diferenciando das fontes oficiais. Esse tipo de fonte está presente em matérias de temática comunitária, como *Elas querem ser mães, esposas, donas de casa e cidadãs* (dezembro/1981), sobre o que são e o que fazem os clubes de mães. F) Empresarial: Diferencia-se das fontes institucionais e oficiais por representar uma organização privada, uma empresa ou companhia com fins lucrativos. Encontramos esse tipo de fonte na reportagem *Kunzler incentivou suas filhas a serem empresárias*, da segunda edição do *Correio da Mulher*.

1.3 Fontes



Sendo assim, a partir do gráfico acima (gráfico 1.3) e dos conceitos de Aldo Schmitz, podemos chegar a uma conclusão de quem eram as fontes e quais instituições elas representavam - isto é, quando representavam alguma. No entanto, é nítida a mudança no uso de fontes - não em relação a quantidade, praticamente a mesma - edição 1 (41 fontes ao todo) e 2 (42 fontes ao todo), mas quem eram essas fontes e como elas eram utilizadas. Essa mudança foi causada, provavelmente, pela debandada de jornalistas da redação. Na segunda edição vemos duas fontes empresariais sendo utilizadas. O político Jorge Uequed é fonte exclusiva para traçar todo um panorama sobre a política brasileira - assunto que talvez demandasse um uso de fontes mais plural. Além disso, fontes são claramente citadas, evidenciadas pela utilização das aspas, mas os créditos não são dados a ninguém.

Entre as fontes oficiais, são utilizados, principalmente, políticos dos mais diversos partidos, congressistas e representantes de secretarias e órgãos governamentais. como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Jorge Uequed (deputado federal) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Uma das fontes empresariais utilizadas é Silvino Kunzler, dono da Gaúcha Car, uma das únicas empresas anunciantes do *Correio da Mulher* . Quanto às fontes especializadas, pessoas - homens e mulheres - das mais diversas áreas são ouvidos, como o publicitário Paulinho Tiarajú, o advogado Gibran Bahlis e os estilistas José Francisco Gonçalves e José César de Vargas. As fontes testemunhais são, principalmente, mulheres e são utilizadas para falar sobre aborto,

violência física, moral e financeira sofridas em razão do machismo vigente na sociedade. As fontes individuais se caracterizam muitas vezes por artistas, músicos e escritores que são entrevistados e dão, nessas entrevistas, sua visão de mundo sobre um determinado assunto, como é o caso de Bruna Lombardi e Fernando Gabeira. Além disso, esse tipo de fonte também é utilizado em enquetes do tipo “fala povo”, com a opinião das leitoras. Por outro lado, as fontes institucionais são principalmente representantes de movimentos sociais e associações comunitárias, como o Clube de Mães de Porto Alegre, o Grupo Razão Negra e Tição.

Referências bibliográficas

Livro

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia - Bauru: EDUSC, 2001.

Trabalho acadêmico

SCHMITZ, Aldo Antonio. Classificação das fontes de notícia. Curso de Comunicação Social, UFSC, Santa Catarina, s.d. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 10/09/2018.

Artigo em anais

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 10/09/2018.